

Jogo de hoje: Meninos x Meninas. Quem ganha essa partida?¹

Beatriz Campos de Andrade

Zona Sul. Arredores do Morumbi e Paraisópolis. Vila Andrade. 1º semestre 2011. Aula de Educação Física. 6ª série. Temática: práticas corporais com bola. Vivência na quadra. Ao final da aula:

- Professora, nem o vôlei que as meninas deveriam saber e jogar melhor, elas sabem né? Essa afirmação proferida por um aluno refletiu um discurso sexista que, entre outros permeia este grupo e marca a diferença. A diferença é aquilo que se contrapõe imediatamente ao que é considerada norma, padrão, identidade. É o “Outro” que define aquilo que não sou. Assim o referencial e a diferença se apresentam por uma relação de oposição, relação essa marcada por determinados valores e poder (LOURO, 2003). Nessas quatro turmas de 6ª série, nas aulas de Educação Física, a identidade tem sido definida pelos meninos habilidosos e a diferença pelas meninas. Há os que transitam entre essa identidade e essa diferença. Esses se revezam entre as poucas meninas habilidosas e os poucos meninos inábeis.

Entre vivências, observações e diálogos em aula, fui percebendo como os meninos tentavam silenciar as meninas, por intermédio de ações e palavras. Elas resistiram. Dessa forma, tais marcações de identidade e diferença me levaram à discussão das relações de gênero, poder e o futebol. Na escola, esse ano, o nosso PEA (Projeto Especial de Ação) é dividido em “grandes” temas por bimestre e estes por sua vez são subdivididos e outros subtemas. Para o II semestre os temas previstos foram: Sexualidade e drogas (3º bimestre) e Mundo do trabalho (4º bimestre). Os subtemas: relações de gênero, homossexualidade, drogas lícitas e ilícitas, relações de trabalho, preconceito, sustentabilidade e tecnologia. Cada professor tem a liberdade de relacionar um desses subtemas ao seu plano de ensino.

Considerando os mapeamentos anteriores realizados com essas turmas, o futebol caracteriza-se na escola por uma prática cultural recorrente entre alunos e alunas. Vivenciado nos intervalos, nas aulas vagas e algumas aulas de Educação Física. A escola possui em seu entorno uma forte atuação de projetos sociais relacionados ao futebol e também a outras práticas corporais. Porém, a oferta do futebol nesses projetos

¹ Esse projeto foi acompanhado pelos professores Alessandro Marques, Camila Aguiar e Fernando Vagheti. Esses professores colaboradores contribuíram com a prática pedagógica e com a escrita desse relato.

e em escolinhas de esporte é maior do que outras práticas. Os alunos assistem ao futebol na TV, alguns vão ao estádio, alguns são alunos desses projetos e escolinhas. As alunas assistem na escola e algumas (poucas) jogam de vez em quando na rua.

Iniciei o trabalho com futebol realizando um mapeamento dividido em duas partes. Na primeira, fizemos um levantamento coletivo na lousa com todos os tipos de futebol conhecidos pela turma e, na segunda, pedi que, em duplas, escolhessem dois tipos da lista para escrever tudo o que sabiam sobre tais práticas. As escolhas me possibilitariam enxergar melhor as práticas com as quais possuíam maior familiaridade. Nesta segunda parte, alguns tipos de futebol foram mais citados do que outros: futebol de campo, futsal, futebol de rua e futebol de vídeo game. Durante o mapeamento coletivo na lousa, os alunos falaram sobre alguns espaços de prática do futebol que estão presentes no entorno da escola e que muitos frequentam. Pelo conteúdo das falas (grama sintética, campinho de barro, o campo da fábrica) pude perceber que se referiram ao futebol society e ao futebol de várzea.

Sabendo da atuação dos projetos sociais no bairro, questionei sobre as políticas de utilização desses espaços, para entender se eram abertos para qualquer pessoa, em qualquer momento ou se havia condições (pagamento de mensalidade, dias e horários específicos, turmas de meninos e meninas, etc.) para a utilização dos mesmos. Responderam-me que há uma igreja que de certa forma (convênio, parceria, aluguel) “administra” a utilização das quadras societys, organizando e controlando o uso das mesmas em horários determinados. O controle é feito pelos horários de treino destinado aos alunos da escolinha de esporte e também pela presença destes aos cultos religiosos.

Embora eles tenham comentado bastante sobre esse espaço, denominado Toca do Lobo, e, que aparentemente me pareceu um local de prática do society, no registro essa prática corporal não apareceu. Talvez porque não conheçam muito bem as regras, talvez porque pensem que é a mesma coisa do futebol de campo. Neste primeiro momento procurei conversar bastante sobre como jogavam e quais representações de futebol tinham. Durante essas conversas, constatei que poucas meninas participam de tais espaços, essas poucas, na maioria, são habilidosas e estão acostumadas a jogar com os meninos. Notei também que surgiram dúvidas quanto às diferenças entre as regras do futsal e do futebol de salão, do futebol society e o futebol de campo, do futebol de várzea, o de campo e de rua. Às vezes, parecia que para eles era tudo praticamente a mesma coisa.

Com essas informações organizamos uma vivência na quadra. Os alunos se

dividiram em times com cinco pessoas (em poucos casos com seis) e a ordem de jogo foi definida. Em todas as salas, as meninas pediram para jogar apenas entre elas, que não houvesse times mistos e que se algum time tivesse incompleto ou elas jogariam com times reduzidos ou os meninos poderiam ser goleiros. Goleiros que não jogam na linha, apenas goleiros. Quando perguntei os motivos dessa decisão e se todos estavam de acordo, as meninas justificaram que dessa forma elas poderiam jogar do jeito que sabiam, tanto quanto às habilidades, quanto às regras.

Os meninos também acharam melhor, pois afirmaram que as meninas não sabem jogar e se jogassem juntos, elas iriam atrapalhar com as “frescuras” e com a falta de técnica. A fim de discutir melhor sobre esses posicionamentos em relação ao futebol solicitei aos grupos de meninos e meninas que enquanto não estivessem jogando que assistissem ao jogo do sexo oposto e fizessem anotações sobre a forma de jogar de cada grupo.

Com o término dos jogos reuni os grupos e seus relatórios e pedi que um representante de cada sexo falasse sobre as anotações. Os meninos, em geral focaram as anotações a respeito da técnica, citando: *“Elas chutam várias vezes o ar”*, *“Todas vão em cima da bola ao mesmo tempo”*, *“Elas pegam a bola e chutam para qualquer lugar sem olhar o jogo”*, *“Não sabem marcar”* e *“Gritam demais”*. As meninas, ao mesmo tempo em que elogiaram alguns fundamentos técnicos, também criticaram algumas posturas durante o jogo: *“Eles tocam a bola com facilidade e rapidez”*, *“Quando chutam pro gol, chutam com muita força”*, *“Eles falam muito palavrão e se xingam o tempo inteiro”*, *“Alguns se jogam no chão toda hora inventando faltas”*.

Tanto nas falas masculinas como femininas a habilidade foi evidenciada e de certa forma enaltecida. Para eles parecia que a habilidade era um requisito condicionante, indispensável e essencial para a prática. E pelo teor das falas também me pareceu que a habilidade era uma característica nata, em especial nos meninos. Esse pensamento pareceu reforçar a idéia do dom masculino para o futebol. Segundo Louro (2003), alguns modos de ser, pensar e agir permanecem quase que imutáveis no decorrer da história, favorecendo uma concepção de enraizamento, de naturalidade, de certeza absoluta. As instituições, como a escola entre outras, ajudam no aprender e na interiorização dessa concepção. Desse modo, é possível compreender uma representação do futebol, como uma prática cultural “naturalmente” masculina e que é “normal” que as meninas não apresentem as habilidades para dominar essa prática. Como diria ainda a autora, parece ser a “ordem das coisas”.

Depois dos comentários dos alunos/as e considerando a preocupação com a técnica, na aula seguinte pedi para que se organizassem em grupos mistos para que os meninos ficassem responsáveis por tentar ensinar alguns fundamentos técnicos que ajudassem as meninas na hora do jogo. Elas escolhiam o que queriam aprender e tiravam dúvidas sobre alguns movimentos. Quando terminaram, as meninas voltaram a se reunir para jogar tentando treinar entre elas o que tinham aprendido e os meninos se reuniram entre eles para organizar uma forma de jogar utilizando metade da quadra. Como nas salas há um número maior de meninos, mais facilmente alguns se alinham para serem os próximos para jogar. A estes que ficavam de fora esperando coloquei como opção transitar no jogo das meninas caso elas aceitassem a participação deles.

A princípio, a ação didática dos “meninos-professores” valorizou os saberes deste grupo, inclusive daqueles meninos que são considerados menos habilidosos, pois estes também ensinaram alguma coisa para as meninas. Porém, apesar de ter havido uma aproximação entre os grupos dos meninos e das meninas nessa vivência, se manteve o *status quo* dos meninos como dominantes do futebol. A ideia das meninas como “debilitadas” reforçou a diferença. Os meninos transitaram entre a identidade e a diferença, assumindo uma postura de “professores”, “técnicos” e até “parceiros de jogo”. Com todas essas possibilidades, de modo geral, se estabeleceram dois grupos: hierarquia masculina (identidade) e a subalternização feminina (diferença). Os meninos se colocaram em uma posição superior ensinando às meninas aquilo que não sabiam e não eram capazes. As meninas por sua vez, não se incomodaram, por sinal, acharam interessante poder aprender com eles fundamentos que elas não conseguiam realizar (dribles, tipos de chute, fintas).

Percebendo essas identidades e diferenças que estavam em cena e suas representações do futebol pesquisei e trouxe para discussão um texto que apresenta elementos para compreender como alguns aspectos históricos e midiáticos colaboram para a construção de certos discursos. O texto utilizado foi uma adaptação que fiz de um artigo científico². A princípio, em algumas turmas solicitei a leitura em duplas para uma posterior discussão, mas logo percebi que o material era complicado e não contribuía para gerar um debate. Então, propus uma leitura coletiva em que fomos interpretando

² BETTI, M. Mídias: aliadas ou inimigas da educação física escolar? Motriz, v. 7, n.2, p.125-129, 2001. 6

juntos parágrafo por parágrafo e relacionando com os conhecimentos deles. O texto em algumas turmas suscitou muitas questões como: *“O dinheiro dos jogos do estádio vai para os jogadores? Para quem?”*, *“O dinheiro de nossos impostos vai para a construção de estádio?”*, *“Para onde vai o dinheiro?”*, *“O dinheiro de impostos vai para transporte, saúde, como é dividido?”*, *“Os campos de várzea são de quem?”*, *“E o dinheiro para a Copa do mundo, vem de onde?”*, *“Assistir jogo ao vivo é muito mais emoção do que na TV”*, *“No rádio, os lances acontecem antes do que na TV”*, *“Eu assisto jogo no canal que o narrador faz mais piadas, é mais divertido”*, *“Quanto ganha um jogador para fazer uma propaganda?”*. Para algumas das questões propus respostas, mas salientei que as coisas não são tão simples e que poderíamos pesquisar melhor alguns assuntos no decorrer do nosso trabalho.

De modo geral, os alunos conseguiram identificar como a mídia se apropria do futebol com intenções bem definidas e até reconheceram como em alguns momentos são influenciados pela mesma. Porém, nesse texto não havia referência à posição feminina em relação ao futebol dificultando a desestabilização de algumas “certezas” em relação a essa prática favorecendo o quadro que já havia sido estabelecido de identidade (masculina) e diferença (feminina).

O fato de a comunidade ser marcada por posicionamentos sexistas em que as meninas desde cedo se tornam responsáveis por tarefas de cuidado com a casa e irmãos mais novos, favorece o fortalecimento de certos discursos depreciativos na escola em relação à mulher. Muitos meninos não perdem a oportunidade de menosprezar as meninas, tentando silenciá-las quanto ao direito de opinarem sobre os mais diversos assuntos da escola. Considerando esses aspectos e retomando as últimas vivências do futebol nas aulas, propus a composição de times mistos e a mistura das “panelinhas” (que se caracterizavam por alguns meninos que jogam bem, que formam sempre o mesmo time e quase sempre ganham) para que pudessem vivenciar um outro tipo de jogo para uma posterior discussão. Por meio de votação foram decididas as regras (cobrança de lateral, goleiro fixo, juiz, falta, tempo de jogo e ordem de jogos).

Com a finalização dos jogos, nos reunimos para comentar sobre a participação das meninas, que por serem em número menor que os meninos, ficaram em minoria nos times. A maioria das meninas reclamou, pois pouco tocaram a bola. Algumas afirmaram não acompanhar a velocidade dos meninos para jogar e se sentiram meio perdidas. Os meninos retomaram suas afirmações sobre a falta de habilidade delas e que por mais que tentassem passar a bola, as mesmas erravam. Ouvindo as indagações dos alunos,

retomei a discussão sobre a construção do gênero, falando da presença da mulher no futebol e buscando na experiência de vida deles perceber que a habilidade é algo treinado e não uma característica inata. Alguns conseguiram trazer a comparação dos meninos que não jogam bem, como meninos que não possuem o hábito de jogar e por isso não se destacam nessa prática. Nas discussões, boa parte dos alunos conseguiu refletir sobre alguns fatos da sociedade que privilegiam certas posições e opiniões e a construção de certos “saberes”, porém, ainda reproduziam em outros contextos os discursos de preconceito.

Algumas aulas após a discussão do texto e das vivências propostas, outro assunto que veio à tona: a profissão jogador de futebol e as escolinhas. Neste quesito muitos alunos se posicionaram como atletas desses espaços e que estão fazendo isso com a intenção de se profissionalizarem. Em nenhuma das turmas houve meninas que já tivessem frequentado escolinhas, nem mesmo as consideradas mais habilidosas. Neste momento, pedi àqueles que treinam para compartilharem suas experiências. Primeiramente, fizemos perguntas sobre locais de treino, frequência, tempo, condições para participação e no decorrer da conversa, eles contaram como era a estrutura do treino (alongamento, aquecimento, fundamentos, finalizações, treino coletivo, tática e posicionamentos) e para que servia cada uma delas. Ao conhecer a experiência dos colegas, descobri que na Toca do Lobo os participantes dos projetos devem também frequentar os cultos religiosos. É uma condição. Essa informação ficou registrada para que eu pudesse, mais adiante, abordar a relação entre religião e futebol. Propus que esses alunos praticantes de diferentes escolas de futebol organizassem a vivência.

Em algumas salas a proposta foi bem aceita e realizada por todos e em outras houve grande resistência. Alguns alunos só queriam a parte do “treino coletivo”, outros se envergonharam diante de certas posturas de alongamento. No “treino coletivo”, novamente as meninas decidiram jogar somente entre elas e os meninos entre eles. Porém, desta vez, em quase todas as salas, as meninas não quiseram que os meninos jogassem como goleiros. Adaptaram as regras ao número reduzido e algumas decidiram por ter árbitro. Para árbitro, escolheram meninos, meninos que não somente conheciam as regras, mas principalmente os meninos que as respeitavam.

Após as vivências e discussões descritas até o momento decidi trazer um vídeo que pudesse abarcar alguns questionamentos que tinham ocorrido até então, como uma forma de retomar o processo e aprofundar o debate para novas leituras e interpretações da prática corporal estudada. Apesar dos questionamentos dos alunos terem

proporcionado outras leituras e interpretações, ainda percebia um distanciamento entre a prática cultural futebol e os acontecimentos do mundo, às vezes, parecia (para alguns) que uma coisa não interfere na outra, e existia uma certa essência: as coisas são de tal modo porque são e tem quer ser assim.

O filme escolhido foi “Linha de Passe”³, pois narra a história de uma família que mora na Cidade Líder, na Zona Leste da cidade de São Paulo, em que uma mãe solteira com seus 4 filhos e à espera do quinto é a responsável pelo sustento familiar. Um dos filhos tem como objetivo profissionalizar-se no futebol e o enredo mostra as dificuldades enfrentadas nas peneiras quanto à idade, dinheiro e outras condições. Durante a assistência fui percebendo nos diversos grupos alguns risos e indignações. Eles comentavam sobre os fatos do filme e às vezes relacionavam os acontecimentos com as próprias experiências. Exemplo disso ocorreu quando apareciam cenas de cultos religiosos evangélicos e que eles citavam os nomes das pessoas da sala que freqüentavam esses ambientes. Percebi que o fator religioso mexeu com os alunos de todas as 6ª séries, porém na 6ª C a questão gerou mais conflito. Nessa turma, alguns tiravam o sarro, outros se identificavam e alguns repreendiam os “sarristas” alegando que Deus iria castigá-los pela ofensa.

Existe na comunidade uma relação estreita com a Igreja Batista e a Toca do Lobo caracterizada no início do relato. Muitos alunos fazem aulas nos projetos sociais que lá acontecem (futebol, capoeira, judô, balé) e freqüentam os cultos com seus familiares. Elaborei algumas questões sobre o filme para uma discussão: a) Quem são os personagens? b) Quando o futebol aparece como lazer, paixão, profissão e negócio? c) Quais acontecimentos se relacionam com a vida de vocês? d) Qual a religião mais apresentada? Em quais aspectos ela se parece com a religião de vocês? e) Como as personagens femininas aparecem em relação ao futebol? Em duas turmas, antes de iniciar o filme, pedi que prestassem atenção nas personagens femininas e nas diversas formas de futebol. Nas outras duas solicitei que apenas assistissem para um debate posterior. Tal solicitação decorreu das experiências com as primeiras turmas, quando observei comentários e reações diante de algumas cenas, o que facilitou o direcionamento do olhar nas turmas seguintes.

³ Linha de Passe é um filme de 2008 dos diretores Walter Salles e Daniela Thomas, com roteiro de ambos e de Bráulio Mantovani e George Moura.

Percebi que essa estratégia não gerou respostas distintas da parte dos alunos. Também notei que foi mais difícil falar das mulheres no filme e como foram representadas, do que falar do futebol e suas relações. Após estabelecer algumas conexões entre a ficção e as experiências pessoais foi possível iniciar uma conversa sobre as relações de poder existentes entre aqueles personagens e a partir desse olhar, tentamos aproximar com o nosso contexto de prática das aulas de Educação Física e a nossa temática do futebol.

Para iniciar o diálogo sobre as relações de poder, tentamos identificar a relação opressor/oprimido, presente nas nossas vivências. Em alguns momentos tentamos buscar exemplos de como seria tal relação e muitos alunos relacionaram a idéia com a questão de hierarquia, por exemplo, professor e aluno. Fui, aos poucos, buscando outros exemplos para que percebessem uma concepção de poder que não é fixa e que pode transitar entre várias pessoas e situações. Nesse momento, notei que em alguns grupos os meninos são os dominantes, tentando sempre silenciar ou impedir a opinião das meninas. Inclusive durante as vivências do futebol, em que os meninos querem determinar como a prática deve ser e que as meninas nem deveriam jogar. Por meio de algumas falas, os meninos vão determinando certas relações de poder em relação às meninas: *“Jogo de menina é para dormir”*, *“Elas nem sabem regra de nada e querem jogar”*, *“Elas nem deveriam jogar, a gente só perde tempo”*.

Conforme Louro (2003, p. 41):

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas que *instituem* gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas *apropriadas* (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder.

A partir dessas considerações propus que se organizassem em grupos e discutissem como seria a vivência do futebol. Após alguns minutos, determinei um número por grupo e fiz um sorteio para que o grupo sorteado explicasse qual era a proposta para a aula. Em algumas salas, a maioria dos grupos propôs uma vivência com regras bem parecidas às do futsal, porém na 6ª C, o grupo sorteado, das meninas, gerou conflitos. Elas propuseram uma vivência pensando nos benefícios para elas (tempo de jogo, quantidade de jogadores por time, cobrança de lateral, escanteio, árbitro, meninos x meninos e meninas x meninas). Antes das meninas terminarem de falar, os meninos já

estavam enfurecidos, alegando ser impossível jogar no modo proposto. Nesse momento retomei a discussão das relações de poder, utilizando aquela situação de conflito como exemplo, ilustrando como os meninos querem dominar a situação. Mesmo com reclamações, a vivência foi realizada do modo com as meninas estipularam. Na quadra, enquanto alguns times jogavam, pedi aos alunos que estavam de fora que observassem as relações de poder que se estabeleciam durante o jogo. Quem dominava o jogo? Por que? Quais atitudes favoreciam alguns e desfavoreciam outros?

Ao final da vivência, nos reunimos na quadra e conversamos sobre as observações. Os meninos perceberam que as meninas que dominavam o jogo não o faziam somente pela questão da habilidade, mas por serem “grandes” (porte físico) e por utilizarem xingamentos que intimidavam as outras jogadoras. As meninas, reconheceram nos meninos habilidosos o domínio do jogo e que em alguns momentos aqueles meninos também “grandes” e que xingavam seus colegas de jogo também intimidavam, mantendo dessa forma um certo *status*.

Com base nessas observações, foi novamente discutida a questão da habilidade feminina x masculina e o quanto ela é construída no decorrer de um tempo. Falamos sobre os fatores históricos que marcam o futebol como uma prática cultural masculina, o que influencia discursos e nas representações. A questão do poder relacionada ao porte físico dos alunos foi interessante para que os alunos percebessem como as relações não são fixas e imutáveis. Durante essa conversa, fui buscando na história de vida deles, informações sobre a prática do futebol desde crianças até os dias atuais para que pudessem perceber como somos construídos nos nossos modos de ser, pensar e agir. 11 Considerando que as vivências do futebol estavam bem focadas na manifestação futsal e o que mais gerava conflito era a questão da prática mista e da quantidade superior a cinco (5) jogadores por time, resolvi ampliar os conhecimentos propondo situações didáticas sobre o futebol de campo.

O futebol de campo apareceu no início do projeto durante o mapeamento e, conforme observei, trata-se de uma modalidade que acompanha os alunos no seu cotidiano, por assistirem na TV e serem torcedores. Levantamos algumas informações sobre a prática (quantidade de jogadores, tempo de jogo, regras que se diferenciam do futsal como cobrança de lateral, impedimento). A partir desse levantamento, procuramos organizar uma vivência considerando o tamanho da quadra e as condições existentes. Definiu-se 7 ou 8 jogadores por time, times mistos, duração de dez minutos cada jogo, cobrança de lateral com a mão, escanteio com o pé, faltas e árbitro. Em todas

as salas houve muita reclamação por dois motivos: quadra pequena para a quantidade de pessoas e que todos estavam se aglomerando em cima da bola ao mesmo tempo “trancando” o jogo.

Após esses conflitos tentamos perceber como acontecia no futebol de campo e o que poderíamos considerar para aquele espaço. Uma das sugestões dos alunos foi sobre os posicionamentos dos jogadores. *“No campo cada jogador tem sua posição, zagueiro não vai parar lá na frente querendo fazer gol toda hora”, “Com as posições, cada jogador tem seu espaço e não fica todo mundo aglomerado na bola”*. Dessa forma, solicitei aos alunos que explicassem as posições do futebol que conheciam (zagueiro, lateral, atacante, meio de campo), e que em seus times se organizassem em posições para retornarmos ao jogo.

Percebi que na maioria dos times, as meninas foram colocadas como zagueiras e que desse modo quase não tocavam na bola. Novamente parei o jogo e questionei essa decisão, solicitando que trocassem as posições para que elas pudessem experimentar então outras posições de jogo. Os meninos não gostaram. *“Desse jeito não vai ter jogo”, “Nunca vai sair gol se elas ficarem no ataque”*. Durante o jogo fui percebendo que os meninos tentavam a todo custo impedir as meninas de jogar. Então, passei a questioná-los durante o jogo: *“E as meninas não cobram lateral?”*, *“Fulano!!! Você não é zagueiro? Por que está aí no ataque?”*, *“Ei, por que você está roubando a bola da jogadora do seu time?”*. Os meninos se irritaram com as minhas indagações, afirmando que eu estava somente atrapalhando e os desconcentrando durante o jogo. Em algumas turmas, os alunos pediram para jogar na quadra externa em que o espaço era maior e, assim, os jogadores poderiam se distribuir melhor. Depois da vivência debatemos sobre os conflitos, insatisfações e, sobretudo, como as meninas avaliaram o que aconteceu.

Obviamente, as meninas não gostaram do jogo, reafirmando que os meninos não as deixavam jogar. Quando erravam eram xingadas. Algumas poucas alunas comentaram que tiveram oportunidades de jogar em seus times e que estavam satisfeitas com a vivência. Nessa conversa, as meninas retomaram a preferência pela prática em separado dos meninos e eles também concordaram, admitindo formas de jogar muito diferentes e que não daria certo jogar junto.

Durante todo esse processo, as meninas foram, aos poucos, assumindo novas posturas diante dos meninos. Elas foram exigindo suas formas de jogar, brigavam com os meninos quando estes queriam silenciá-las e não aceitavam mais que eles decidissem

tudo do modo deles. Assim, um movimento de resistência começou a surgir. De acordo com Louro (2003), os Estudos Feministas, sempre preocupados com as relações de poder, inicialmente buscaram mostrar as formas de silenciamento e subordinação às quais as mulheres foram submetidas. Por meio dessa denúncia, foi pintada uma vitimização feminina que fortalece a idéia de homem dominante *versus* mulher dominada. Tal concepção foi questionada levando os Estudos Feministas olhar para as formas e locais de resistência feminina. Pensar nesses movimentos de resistência é entender que as relações de poder não são fixas e lineares e que, portanto, podem ser desestabilizadas a todo e qualquer instante.

No decorrer do trabalho com o futebol, foi desenvolvido um cronograma de pesquisa. A cada semana, alguns alunos (2 ou 3) ficavam responsáveis de trazer algum material sobre futebol, poderia ser recorte de revista, jornal, internet, vídeo, qualquer coisa relacionada à temática estudada. A exigência é que o aluno/a deveria ler o material em casa e, em aula, comentar o que leu. Muitos alunos/as trouxeram materiais, mas faziam a leitura no momento. Mesmo assim essa prática permitiu algumas discussões sobre o futebol. Todas as pesquisas foram armazenadas em uma pasta que ficou à disposição para acessarem e pesquisarem, tanto para a disciplina Educação Física como para outras.

Com a aproximação da Mostra Cultural da escola, em que são expostas as produções dos alunos durante o ano, propus aos alunos uma produção sobre futebol com base nas pesquisas que vinham realizando. O tema da Mostra foi “Vila Andrade”, o bairro em que a escola está inserida. Como no início do projeto, durante o mapeamento, foram levantados os locais do bairro em que ocorria a prática do futebol, conversei com os alunos sobre a possibilidade de uma pesquisa mais aprofundada sobre esses espaços, a fim de que pudessem trazer esses conhecimentos para a escola.

Desse modo, os alunos se organizaram em grupos e cada um ficou responsável pela produção de algum material referente ao futebol e sua relação com o bairro. Alguns fizeram maquetes representando os locais de prática, outros fotografaram, filmaram e fizeram entrevistas. Paralelamente à produção que os alunos realizaram em grande parte em momentos extra-classe, nas nossas aulas continuamos as vivências e discussões. Após as vivências de futsal e do futebol de campo, perguntei-lhes como eles queriam jogar. “*Cinco jogadores em cada time*”, “*Sem juiz, a gente se organiza*”, “*Com cobrança de lateral, mas pode do jeito que quiser, com o pé ou com a mão*”, “*Cinco ou Sete minutos cada jogo*”.

Essas foram as regras a priori, na 6ª B, mas durante a prática conforme foram surgindo conflitos, decidiram em conjunto como resolvê-los. O primeiro jogo empatou. Qual a solução? “*Vamos decidir nos pênaltis!*”, professora: “*Vamos decidir no par ou ímpar*”. “*Professora, sai os dois times, porque têm mais dois para jogar e deixa empatado!*”. Essa nunca tinha sido uma solução para os empates em outros jogos e considerando que havia outros times para jogar, achei justo. Saíram os dois times e entraram outros dois, um composto por meninos e outro, por meninas. Com muita disputa, 2 x 0 para os meninos, considerando que a goleira desistiu do jogo quando a água da chuva invadiu a quadra.

Em todas as turmas, essa vivência foi parecida e quando questionados sobre a semelhança dessa forma de jogar, recordaram do futebol de rua. Em cada turma fiz perguntas sobre essa prática. “*Como joga o futebol de rua?*”, “*Em todas as ruas são iguais?*”, “*Acaba a quanto? Como entra o próximo time?*”, “*Alguma menina joga na rua?*”. A partir das respostas, cada turma se organizou para jogar e eu fiquei observando como esses meninos e meninas praticavam o futebol de rua na escola. Em quase todas as turmas ocorreram poucos conflitos e, quando surgiram, alguns alunos esperavam que eu fosse resolvê-los. Diante dos seus questionamentos, retomava as decisões iniciais.

Na turma da 6ª A, a vivência foi bem polêmica. Essa turma é menor do que as outras (20 alunos) e normalmente eles se organizam rapidamente para jogar. Meninos e meninas conseguem entrar em acordos que agradem a todos/as. Nem sempre foi assim, as meninas demoraram a conseguir dar suas opiniões e serem aceitas. E quando jogam com os meninos, protestam para terem chance de jogo, elas resistem à tentativa de “sabotagem” caso exista. Pelo fato de haver uma quantidade menor de alunos, nesta turma era mais freqüente o jogo misto do que nas outras. As meninas pediam a bola, brigavam quando os meninos não as deixavam jogar, atrapalhavam o jogo até conseguirem ser ouvidas e gostavam do futebol.

Porém, houve um período de transformação das meninas em que estas se interessaram por outros assuntos deixando o futebol de lado. Na vivência do futebol de rua, propus que se organizassem como se estivessem na rua, para que eu não interferisse em nada. Prefiri não interferir para poder observar as relações de poder que se estabeleceriam ali naquele contexto. Até então, no decorrer do projeto, essa turma apresentou poucos conflitos comparado aos outros grupos. Atentei-me que algumas destabilizações seriam interessantes para as nossas futuras discussões.

A maioria das meninas, conversando sobre outros assuntos de interesses atuais

(maquiagem, paqueras), não participaram das decisões sobre a vivência. Somente duas entraram nos times dos meninos. Conclusão: esses dois times começaram a jogar e não saíram mais da quadra. As meninas, percebendo a demora, vieram me perguntar se eu não ia organizar o tempo. Retomei com elas sobre as condições do futebol de rua e que elas deveriam ter participado das decisões para saber o que estava acontecendo. Nesse momento, perguntaram quando acabava o jogo e logo voltaram a conversar sem prestar atenção no que estava acontecendo. A aula terminou, elas não jogaram e os outros dois times se aproveitaram da situação para jogar. As meninas ao perceberem que faltava pouco para acabar a aula, começaram a gritar, xingar os que estavam jogando, começaram a correr pelo meio da quadra na tentativa de atrapalhar, mas não conseguiram. Nessa aula, as meninas demoraram a resistir e quando resistiram não conseguiram reverter a situação.

Especificamente nessa turma, conversamos na aula seguinte sobre a situação da aula anterior. Nesse momento retomamos as discussões sobre as relações de poder e como que isso ocorreu na prática, na situação de aula. As meninas questionaram os meninos quanto ao fato de não terem permitido que elas jogassem. Os meninos justificaram o desinteresse delas e que muitas vezes elas não participam das decisões de organização da prática e que só querem jogar. A partir dessa discussão, as meninas foram aos poucos percebendo que muitas vezes elas se acomodam diante das decisões que os meninos tomam e os meninos foram reconhecendo que também se “aproveitaram” da situação.

Durante as vivências do futebol de rua, alguns alunos vieram comentar comigo sobre a possibilidade de conhecermos um pouco do showbol (outro tipo de futebol). Os alunos se interessaram por essa prática após acompanhar na TV alguns jogos de um campeonato que estava acontecendo no momento. Como o comentário sobre essa prática partiu de vários alunos e alguns já identificaram algumas características que lembravam o futebol de rua, resolvi propor alguma vivência para que pudéssemos ampliar e ao mesmo tempo aprofundar os nossos conhecimentos a cerca dessa prática. Fiz algumas pesquisas na internet para conhecer mais sobre o showbol e também havia solicitado àqueles alunos que propuseram essa vivência que pesquisassem sobre a prática, que trouxesse seus conhecimentos para o resto do grupo.

Encerramos as discussões sobre o futebol de rua em que os alunos reconheceram que as regras podem variar conforme o grupo que joga e o local que acontece a prática. Perceberam também que poucas vezes as meninas são admitidas nessa “brincadeira”, a

não ser que ela seja habilidosa ou que esteja faltando jogador para completar o time. E afirmaram que mesmo que elas participem da prática, as regras são definidas pelos meninos. Algumas meninas também reconheceram que o espaço dado a elas depende da postura que elas assumem durante o jogo (jogar para valer e não só para brincar) e que se elas percebem que o jogo é entre meninos mais velhos (idade) e habilidosos nem arriscam pedir para jogar. Nenhuma menina relatou sobre vivências de futebol de rua em que só houvesse a participação delas. Quando questionadas sobre tal fato, não sabiam muito como responder, mas justificaram que quando estão só entre meninas preferem brincar/jogar de outras coisas.

Após essas discussões trouxe o showbol. Alguns alunos (aqueles que inicialmente tinham falado só comigo) explicaram para o resto da sala o que era essa prática. No geral poucos meninos conheciam e/ou identificavam que já haviam visto na TV. Das meninas, nenhuma reconheceu essa prática. Dessa forma esses alunos explicaram as regras básicas do jogo e as condições físicas em que ele acontece. Eu expliquei um pouco sobre o contexto de origem dessa manifestação trazendo para a discussão os sujeitos dessa prática. No showbol é comum vermos ex-jogadores de futebol de campo, jogadores considerados aposentados. Quando comentei sobre isso, retomamos brevemente a discussão sobre a profissão jogador de futebol e mais uma vez retomamos a ausência feminina nessa prática. Todas as discussões sobre os diferentes tipos de futebol trouxeram a questão da presença da mulher. E ao perceber como o espaço da mulher no futebol é muito menor comparado ao do homem, os alunos/as começaram a entender certas afirmações que são reproduzidas como verdades: “futebol não é coisa de mulher”.

As vivências do showbol foram realizadas com algumas adaptações de regras ao nosso espaço físico. Em algumas turmas houve times mistos, em outras não. Dependia da quantidade de alunos para dividir nos times. Depois de alguns jogos nos reunimos para conversar sobre a prática. Neste momento eu sempre tentava retomar a última vivência (de outra prática do futebol) para contrastarmos as semelhanças e diferenças. Nesse momento a maioria dos alunos identificou que a adaptação das regras do showbol ao nosso contexto de aula aproximou o jogo deles do futebol de rua. Muitas meninas comentaram seu apreço por jogar com essas regras “simplificadas”, diferente do futsal e do futebol de campo, pois elas conseguiam jogar melhor e se divertir mais.

A intenção de ir experimentando diferentes formas de jogar futebol (futsal, futebol de campo, futebol de rua, showbol) foi promover discussões a cerca das

diferenças entre as práticas e relacionar com a participação das meninas, procurando entender os motivos que levaram à construção da ideia do futebol como prática masculina. Considerando tal aspecto, pensei em trazer para a aula a prática do pebolim. Esse jogo além de fazer parte do repertório cultural dos alunos permitiu que alunos com outras habilidades pudessem ser reconhecidos dentro das relações de poder. Se nas práticas anteriores, a habilidade com os pés foi central, no pebolim é a habilidade com as mãos.

No pebolim decidimos jogar duplas contra duplas e dois gols para a troca de duplas. Dessa maneira o jogo ficava rápido e as pessoas não demoravam muito esperando a sua vez de jogar. Nessa prática, em todas as turmas de 6ª séries, os alunos considerados menos habilidosos se destacaram de algum modo porque em algumas situações de jogo conseguiram eliminar as duplas adversárias. Nessa vivência a disputa entre meninos e meninas ficou mais equilibrada, porém na formação das duplas, ainda prevaleceu a divisão sexista.

Foi interessante perceber que alguns alunos considerados mais habilidosos não quiseram se arriscar no pebolim e quando indagados sobre essa questão assumiram que não sabiam jogar e que não queriam passar vergonha diante dos colegas. Na discussão sobre o pebolim conversamos sobre a questão da habilidade para a prática, das semelhanças e diferenças com outras práticas e da presença feminina. Poucas meninas tinham jogado pebolim antes sem ser naquele momento e afirmaram que as mesas normalmente ficam em bares nos arredores na escola, espaços não frequentados por elas. Algumas meninas que conheciam jogo, afirmaram que só jogaram porque na Toca do Lobo tinha e às vezes aos sábados elas podiam jogar.

O período letivo de aulas já estava chegando ao final assim como o nosso projeto com futebol. Pouco antes de encerrar consegui com que uma jogadora de futsal fizesse uma visita aos alunos para conversar um pouco sobre a sua vida no futsal e que também jogasse com eles. Ela levou parte de sua história no esporte por meio de medalhas, troféus, fotos, recortes de jornal e palavras. Após contar um pouco da sua experiência no futebol alguns alunos fizeram perguntas: *“Você sofreu preconceito no futebol por ser mulher?”*, *“Você ganhava bem para jogar?”*, *“Nos eventos de futebol, na equipe, treinador, técnico, havia discriminação?”*. A convidada respondeu aos questionamentos e depois propôs vivências com os alunos. Sua participação foi bastante diversificada entre as turmas, jogou no time das meninas contra meninos, jogou só entre meninas e também só entre meninos.

Na aula seguinte, findando o período letivo conversei com as turmas sobre a visita da jogadora e aproveitei para voltar um pouco no tempo tentando compreender o nosso percurso com o futebol desde o início no começo do semestre até o presente momento. A partir dessa conversa solicitei um registro. O registro seria em formato de um pequeno comentário pessoal, uma redação em que eles pudessem escrever o que eles estavam pensando a cerca do futebol. Para direcionar essa produção de acordo com as ações didáticas do projeto, escolhi três tópicos para que eles pudessem dissertar. Os tópicos foram: a) o futebol e a mulher, b) o futebol e a mídia, c) o futebol e a sociedade. A ideia dos tópicos foi pensar em aspectos discutidos de forma mais contundente e outros que foram mais gerais durante o trabalho, uma relação entre as questões locais e globais.

No momento da escrita, enquanto eles iam perguntando para tirar dúvida, percebi que a relação futebol/mídia gerava incertezas quanto ao conceito em si, que a relação futebol/sociedade era um pouco confusa e que a relação futebol/mulher era a que mais eles tinham se apropriado para escrever seus comentários. Arrisco-me a dizer que a visita da jogadora no final do semestre suscitou nos alunos e alunas novos olhares, novas formas de pensar e agir em relação ao futebol. Embora alguns continuassem achando estranho ver meninas no futebol, perceberam que esse estranhamento não era uma verdade absoluta e sim uma construção social que nos regula em relação ao que somos, agimos e pensamos. Perceberam que não estão descolados de uma realidade que vai além do simples ato de jogar futebol. Não há certeza do que cada aluno ou aluna aprendeu, mas houve desestabilizações, houve dúvidas, houve questionamentos. São pequenas frestas de transformação, tanto na relação dos meninos com as meninas e vice-versa, quanto à relação das meninas com o espaço escolar. O espaço de validação dos significados foi remexido pelos poderes instáveis de alunos e alunas que leram e interpretaram o futebol de outros modos. Modos diferentes daquilo que tava posto a priori.

A meu ver, em alguns momentos houve pequenos deslizes entre uma ação pedagógica e outra, parecendo um quebra-cabeça com peças soltas. Algumas vezes não priorizei especificidades de cada grupo, cada turma de 6ª série. Porém, a problematização a cerca das relações de gênero permitiu que peças soltas se encaixassem e que especificidades fossem contempladas. O trabalho de desequilíbrio das certezas foi iniciado com esse grupo que segue para a 7ª série, e, como disse anteriormente, com frestas de transformação. São outros sujeitos, são outras identidades

que seguem para outros “terremotos”.

“Eu achava que o futebol era mais para os homens, mas eu vi que as mulheres são muito boas. Quando veio a professora que já foi jogadora ela jogou muito e isso foi muito legal. Acho que alguns homens não gostam que as mulheres joguem porque pensam que elas podem ser melhores do que eles”.

(Trecho do registro final, aluno 6ªA)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e poder. In: LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 37- 56.

_____. A construção escolar das diferenças. In: LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 57- 87.

20

SÃO PAULO. Orientações Curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física. São Paulo: SME/DOT, 2007.